

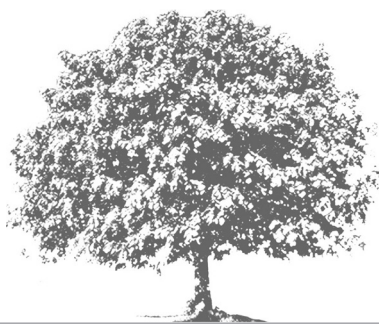


Curso Vida Nova de Teologia Básica

INTRODUÇÃO A MISSÕES

KEVIN BRADFORD



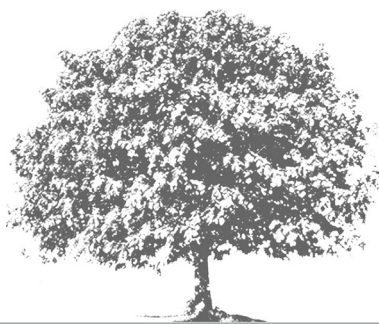


Sumário

<i>Apresentação</i>	7
<i>Prefácio</i>	11
 Introdução	15
1. Fundamentação do Antigo Testamento.....	29
2. O mandato do Novo Testamento	46
3. A missão teológica.....	64
4. Expansão da igreja.....	78
5. Missões protestantes.....	96
6. Alcançando o Brasil e outros povos a partir do Brasil	118
7. Comunicação transcultural.....	138
8. Chamado missionário.....	156
9. Qualificações missionárias	171
10. Preparação missionária	183
11. Vida missionária e trabalho	200
12. Igreja enviada (parte 1).....	216



13. Igreja enviada (parte 2).....	229
14. Futuro das missões	241
<i>Enriqueça sua biblioteca.....</i>	<i>251</i>



Apresentação

CURSO VIDA NOVA DE TEOLOGIA BÁSICA

Todos os cristãos precisam de teologia

Durante muito tempo a teologia esteve confinada nos círculos acadêmicos. Sua linguagem técnica e seu rigor científico impediam que o público leigo, não especializado, saboreasse a boa erudição bíblica. A parte que lhe cabia era ouvir longos sermões, que nem sempre atingiam o coração dos ouvintes, muito menos sua mente.

A distinção entre clérigos e leigos, sem dúvida, contribuiu para o surgimento desse abismo entre a teologia e os não iniciados no saber teológico. O estudo sobre Deus e sua relação com seu povo foi se tornando cada vez mais propriedade de uma elite intelectual.

As Escrituras, no entanto, apontam outro caminho. O povo de Deus, e não apenas uma parcela desse povo (os mestres), é chamado de “sacerdócio real”. Esse povo deve anunciar “as grandezas daquele que [o] chamou das trevas para sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). Todos estão obrigados a cumprir a Grande Comissão: fazer discípulos para o Mestre, ensinando-os a obedecer todas as coisas que ele ordenou (Mt 28.19,20). Todos devem renovar a mente, para experimentar a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Todos devem estar preparados para “responder a todo aquele que [...] pedir a razão da esperança” que há neles (1Pe 3.15). Todos são instados a crescer não apenas na “graça”, mas também “no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3.18).

A retomada do ensino bíblico do sacerdócio de todos os crentes, no entanto, não significa que Deus não tenha capacitado especialmente alguns para exercer determinados dons na igreja. O apóstolo Paulo afirma que Deus “designou *uns* como apóstolos, *outros* como profetas, *outros* como evangelistas, e ainda *outros* como pastores e mestres” (Ef 4.11). Esses especialmente capacitados, porém, não deviam guardar para si o depósito do conteúdo da fé. Eles tinham uma missão a cumprir:

... o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação, do corpo de Cristo; até que *todos* cheguemos à unidade da fé e do pleno *conhecimento* do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que não sejamos mais inconstantes como crianças, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela mentira dos homens, pela sua astúcia na invenção do erro; pelo contrário; seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.

Nele *o corpo inteiro*, bem ajustado e ligado pelo auxílio de *todas as juntas*, segundo *a correta atuação de cada parte*, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo no amor” (Ef 4.12-16).

Essas passagens bíblicas mostram claramente que a teologia deve estar a serviço de todo o povo de Deus. Mais ainda: que todo o povo de Deus deve se beneficiar de todos os campos do labor teológico. Vejamos alguns exemplos:

1. Anunciar as grandezas de Deus (1Pe 2.9) requer preparo no falar. A parte da teologia que cuida da boa transmissão oral da Palavra de Deus é a homilética, cujos princípios não se aplicam somente à preparação de sermão, mas à comunicação da Palavra de Deus como um todo.
2. Não basta fazer discípulos, é preciso ensiná-los (Mt 28.19,20). Isso requer conhecimento das coisas de Deus (e esta é uma definição básica de teologia: estudo sobre Deus).
3. Estar preparado para “responder a todo o que [...] pedir a razão da esperança” que há em nós (1Pe 3.15) requer conhecimento bíblico e o exercício da “apologética” (um discurso de defesa da fé cristã bem embasado nas Escrituras).
4. Quando Pedro disse que os cristãos devem crescer “no conhecimento de [...] Jesus Cristo” (2Pe 3.18), ele estava, segundo o contexto, alertando-os a não se deixar levar pelos que “distorcem” as Escrituras (2Pe 3.14-17). Pedro também reconheceu que há passagens de difícil interpretação (v. 16). A hermenêutica é a parte da teologia que se encarrega de avaliar o sentido preciso de uma passagem bíblica, lidando com os “pontos difíceis”. Bem preparados,



não seremos “levados [...] por todo vento de doutrina, pela mentira dos homens, pela sua astúcia na invenção do erro” (Ef 4.14).

É evidente, portanto, que todos nós, povo de Deus, precisamos de teologia. Todos nós precisamos aprimorar diariamente nosso conhecimento das Escrituras. Devemos ser realmente estudiosos da Palavra de Deus. E o labor teológico nos conduz a esses fins.

A importância e as vantagens do Curso Vida Nova de Teologia Básica

Edições Vida Nova reconhece o valor e a força da comunidade leiga de nossas igrejas. Nossa missão é levar conhecimento e preparo teológico a todo o povo de Deus. Pensando nessa parcela significativa de cristãos e com pleno conhecimento da necessidade do saber teológico para todos, temos o prazer de apresentar o Curso Vida Nova de Teologia Básica. Trata-se de um curso básico de teologia para leigos. Isso quer dizer que está desprovido do jargão teológico tradicional e de tecnicismos dessa área. É um curso perfeito para leitores que desejam conhecer um pouco de teologia numa linguagem informal, instrumental e não acadêmica.

O material é altamente didático e informativo, de fácil assimilação. Os autores também se valem de perguntas para debate, que funcionam como questões de recapitulação, a fim de fixar na mente do leitor os pontos principais apresentados ao longo de cada lição. Como se diz em homilética, “a repetição é a mãe da retenção”. Quanto mais recapitulamos, mais fixamos o que aprendemos. Além disso, há uma bibliografia ao mesmo tempo concisa e precisa, conduzindo o leitor a obras que poderão auxiliá-lo em seu crescimento espiritual.

Todos os cristãos desejosos de crescer no “conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” se beneficiarão desse curso. Crentes bem preparados e conhecedores da Palavra de Deus farão das escolas dominicais, dos centros de treinamento de líderes e de outros ministérios voltados para o aperfeiçoamento do corpo de Cristo um espaço agradável de estudo e reflexão das Escrituras.

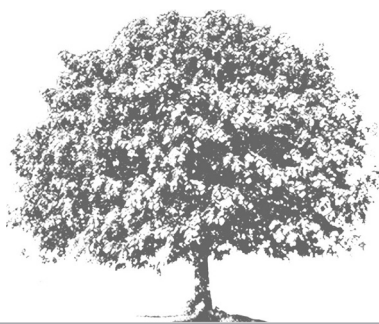
O currículo básico do curso inclui os seguintes assuntos:

1. Introdução à Bíblia
2. Panorama do Antigo Testamento
3. Panorama do Novo Testamento
4. Panorama da história da igreja
5. Homilética



6. Apologética cristã
7. Teologia sistemática
8. Educação cristã
9. Filosofia
10. Aconselhamento
11. Louvor e adoração
12. Ética cristã
13. Hermenêutica
14. Introdução a missões

Os Editores
Maio de 2022



Prefácio

Um livro didático de introdução a missões globais pode parecer direcionado a um grupo bastante restrito de leitores: aqueles que se preparam para servir no campo missionário. Espera-se, no entanto, que um público muito maior ache estes capítulos úteis:

- O livro destina-se a pastores, professores de escolas dominicais e outros líderes de igreja que querem ter um resumo de fácil acesso dos principais ensinamentos bíblicos e desenvolvimentos históricos relacionados a um assunto que deve ser parte da identidade central de todo grupo cristão. Uma igreja que negligencia sua missão é meramente um encontro de cristãos, não muito diferente de um grupo de frequentadores de concertos.
- Ele também é projetado para pais, discipuladores e outros mentores que trabalham para orientar os que estão sob seus cuidados em decisões responsáveis, baseadas na fé, sobre como investir seu tempo, sua energia e seus talentos. Como Francis Chan declarou: “Nosso maior medo não deve ser o fracasso, mas o sucesso nas coisas da vida que realmente não importam”.
- Esta obra também é direcionada àqueles cristãos que estão bastante seguros de que Deus não os está chamando para servir em um campo missionário distante. Embora enviar pessoas demais para o campo missionário nunca tenha sido um dos problemas da igreja (!), este autor está convencido de que Deus quer que a maioria dos cristãos sirva no corpo local onde atualmente congregam. Este livro vai

ajudar também esses que são chamados a ficar a se tornarem o melhor instrumento possível para apoiar a causa das missões — e pode ajudá-los a fazê-lo de uma maneira estrategicamente importante.

- Naturalmente, o texto também é escrito para aqueles que estão dando os primeiros passos em direção ao serviço no campo missionário, bem como para outros que estejam simplesmente considerando esse caminho, e ainda outros que estejam mais adiantados, mas que tenham dúvidas ou desejem saber como sua experiência se compara com a de outros missionários. Da mesma forma, espera-se que os líderes de agências missionárias, instituições de treinamento missionário e outros considerem o livro uma apresentação sistemática e útil dos conceitos e princípios centrais com os quais podem trabalhar ao treinar outras pessoas em liderança.

Tornar-se-á óbvio que este trabalho é escrito para os evangélicos. Parte-se do pressuposto que a morte e a ressurreição de Jesus Cristo oferecem a única esperança para as pessoas obterem a vida eterna com Deus. A proclamação do evangelho é essencial para o trabalho de missões.

Assim como Jesus, a Palavra encarnada de Deus, oferece nossa única esperança segura de salvação, a Bíblia, a Palavra escrita de Deus, é nossa única fonte confiável para a revelação de Deus. Além do fundamento bíblico estabelecido na Introdução e nos capítulos iniciais (1 a 3), o leitor observará extensas referências escriturísticas em capítulos posteriores. Espera-se que o estudante cuidadoso tenha tempo para considerar as implicações de cada uma (cf. At 17.11), acreditando que o próprio Deus deseja conferir orientação ao longo desse esforço crítico (2Tm 3.16,17).

Embora haja uma tentativa de oferecer uma avaliação realista dos desafios associados à prática de missões — e das falhas da igreja em alguns pontos —, o tom geral deste volume é positivo. As missões não devem ser vistas como um fardo necessário, mas sim como uma oportunidade especial de os cristãos fazerem parceria com Deus na realização dos propósitos dele. Os capítulos históricos (4 a 6), em particular, contam essa história. Mas os outros capítulos foram escritos com a mesma confiança. Em última análise, a obra de Deus não será frustrada (Mt 16.18).

Contudo, este volume antecipa mais do que mera reflexão. Também está repleto de conselhos práticos baseados na experiência pessoal do autor, o qual serviu como missionário transcultural no Brasil por mais de vinte anos, bem como por períodos prolongados em diversos contextos estrangeiros. Esse repertório foi reforçado pelas observações acumuladas de dezenas de amigos, colegas próximos e ex-alunos nos mesmos contextos. Seria razoável esperar que um livro que tenha “Missões” no título ajude a preparar as pessoas para a ação. A segunda metade do volume (caps. 7 a 14) faz exatamente isso.

O capítulo 7 aborda o tema da comunicação, identificando princípios que serão úteis para missionários interculturais e monoculturais. Em seguida, os capítulos 8 a 11 acompanham a progressão normal da experiência de um missionário, desde o momento em que sente que Deus pode querer que ele se concentre nesse trabalho até as questões frequentemente enfrentadas pelo missionário depois de chegar ao campo. Esses capítulos podem ser de particular ajuda para os líderes de igreja e outros que procuram guiar seus liderados através de águas desconhecidas.

Os capítulos 12 e 13 são escritos principalmente para o benefício da igreja local. Eles essencialmente respondem à pergunta: “Com base nos capítulos anteriores, como podemos ser o instrumento mais eficaz para enviar missionários e apoiar a causa das missões?”. É claro que os próprios missionários também acharão esses capítulos úteis para entender alguns dos desafios e questões que os líderes da igreja local enfrentam, independentemente de priorizar missões.

O capítulo 14 conclui o volume com um olhar para o futuro. Enquanto a mensagem do evangelho é atemporal, o mundo em que vivemos e trabalhamos está em constante mudança. Em um projeto tão vasto e complexo quanto as missões, é difícil fazer generalizações; contudo, este capítulo analisa as tendências e os desafios mais significativos que foram difundidos nos últimos anos, bem como respostas relacionadas à missão, para enfrentá-los.

O termo “Introdução” no título é intencional. Embora este trabalho apresente uma visão ampla da maioria dos tópicos centrais relacionados às missões, o espaço não permite examiná-los com a profundidade que merecem. Há, no entanto, um número crescente de boas obras literárias disponíveis em português relacionadas a muitos desses assuntos. Espera-se que as discussões nesses capítulos despertem no leitor o desejo de aprender mais.

Vários recursos do livro são projetados para auxiliar o leitor em um estudo mais aprofundado. Em primeiro lugar, cada capítulo faz referência a duas ou mais leituras sugeridas na obra *Perspectivas no movimento cristão mundial* (São Paulo: Vida Nova, 2009), que serve como um compêndio de artigos valiosos de mais de cem líderes de missões de todo o mundo. Esses artigos não apenas reafirmam o que está escrito aqui, mas vão mais fundo em uma área ou outra, além de introduzir questões relacionadas.

Em segundo lugar, para cada capítulo há uma breve lista relacionada na seção “Enriqueça sua biblioteca” no fim do livro de leituras recomendadas disponíveis em português. Essas obras também desenvolverão um ou mais dos conceitos apresentados no capítulo, embora não necessariamente do mesmo ponto de vista. Deve-se notar que o domínio das publicações on-line está facilitando a produção de muitos artigos relacionados a missões a cada ano.

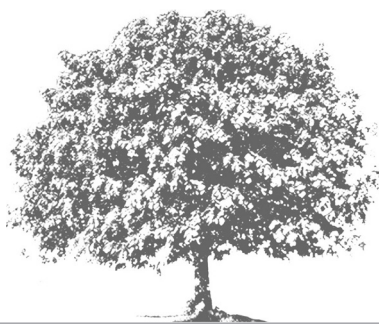
Embora poucas referências sejam feitas a esses artigos neste volume, muitos deles têm um valor considerável.

Uma das omissões neste trabalho, que pode ser surpreendente para alguns, é a falta de uma apresentação das principais religiões do mundo. Isso não sugere que as estruturas de crença que o missionário encontra no campo não são importantes. Pelo contrário, é um reconhecimento implícito da complexidade dessa consideração. Qualquer coisa mais do que algumas declarações gerais sobre a história, as posições doutrinárias e as práticas formais dessas religiões (facilmente disponíveis on-line) exigiria uma expansão substancial do presente volume.

Outro assunto ao qual é feita apenas uma breve menção diz respeito à metodologia atual das missões, ou seja, como evangelizar um não cristão, plantar uma igreja, traduzir a Bíblia etc. Mais uma vez, em razão da vasta gama de assuntos possíveis, uma apresentação útil está além do escopo deste volume. O estudo da antropologia cultural, em particular, deve ser considerado um “próximo passo” essencial para o missionário que deseja trabalhar a longo prazo em um ambiente transcultural.

Apesar das limitações deste trabalho (e deste autor), minha esperança é que os leitores sejam edificados e solidificados em sua fé e seu serviço ao Senhor Jesus Cristo, que as igrejas locais sejam fortalecidas e multiplicadas por meio do poder do Espírito Santo e que Deus Pai receba maior glória por meio da submissão de cada vez mais pessoas e povos à sua perfeita vontade.

“Ora, àquele que tem poder para confirmá-los pelo meu evangelho e pela proclamação de Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério oculto nos tempos passados, mas agora revelado e dado a conhecer pelas Escrituras proféticas por ordem do Deus eterno, para que todas as nações venham a crer nele e a obedecer-lhe; sim, ao único Deus sábio seja dada glória para todo o sempre, por meio de Jesus Cristo. Amém” (Rm 16.25-27, NVI).



Introdução

Se uma pessoa acredita que existe um Deus e que ele se revelou à humanidade, conhecê-lo deveria ser um dos esforços mais importantes da vida. Esses são, evidentemente, princípios cardeais da fé cristã. O Deus de quem estamos falando não é meramente um deus entre muitos, mas o Deus Criador. E nós acreditamos que ele se revelou não apenas em um sentido geral, por meio de sua criação, mas também de uma forma especial mediante a Palavra Escrita, a Bíblia, bem como por meio da Palavra Viva, Jesus Cristo.

Porque Deus existe e tomou essa iniciativa, há uma esperança para a humanidade além daquilo que é visível. Ter muitos amigos, uma boa família e um emprego bem remunerado são coisas boas, mas pálidas em comparação com a possibilidade de conhecer o Ser sobrenatural que é a fonte e o sustentador de toda a vida.

Assim como conhecer a Deus deveria ser, inerentemente, um desejo de todos os homens, o fato de que Deus revelou a si mesmo indica que ele quer ser conhecido. Ele não tinha a obrigação de enviar Jesus ao mundo nem de oferecer à humanidade sua Palavra inspirada; contudo, evidentemente Deus fez essas coisas porque ele mesmo deseja que homens e mulheres venham a conhecê-lo. Aquelas pessoas que fazem isso e, no processo, se convencem de sua bondade e amor para conosco devem desejar que mais pessoas ainda venham a conhecer a Deus como elas mesmas o conheceram.

Desse modo, o engajamento na missão de tornar Deus conhecido para os outros deve ser visto, antes de todas as outras considerações, como algo orgânico e inerentemente lógico para aqueles que já o conhecem. Se alguém pensa nessa missão como opcional ou reservada a poucos, está

confessando que não conhece a Deus ou que não pensou nas claras implicações de conhecê-lo.

A missão do cristão, enquanto vive neste mundo, não se baseia em algumas passagens espalhadas pela Bíblia, como se elas constituíssem simplesmente “mais um mandamento”. Em vez disso, a própria Bíblia em sua totalidade é um testemunho do fato de que Deus quer ser conhecido e usa homens e mulheres movidos pelo Espírito Santo para fazer isso acontecer. A revelação especial de sua Palavra está completa, todavia Deus ainda chama, equipa e capacita todos aqueles que o conhecem para serem suas testemunhas.

Há muitos pensamentos conflitantes sobre a missão da igreja. A tarefa de defini-la é um pouco mais complicada pelo fato de a Bíblia não usar a palavra “missão” especificamente. Isso não quer dizer, no entanto, que o conceito seja estranho à Bíblia. Muito pelo contrário, existem inúmeras passagens e uma riqueza de termos que desenvolvem a ideia de missão. Quando uma pessoa lê sobre patriarcas, discípulos e outros sendo “chamados” pelo Senhor, isso está inevitavelmente relacionado à missão de Deus. O próprio Jesus falou dezenas de vezes acerca de ser “enviado” pelo Pai, quase sempre em referência ao seu desejo de tornar o Pai conhecido aos outros. A maior parte do próprio Novo Testamento foi escrita para os crentes nas novas igrejas do “campo missionário”. De fato, o desafio para o intérprete não é a falta de informação sobre a missão de Deus, mas a abundância dela!

O mandato de missões

Nosso mandato para a evangelização do mundo, portanto, é a Bíblia inteira. Deve ser encontrado na criação de Deus, porque todos os seres humanos são responsáveis diante dele; no caráter de Deus, transcendente, amoroso, compassivo, não desejando que ninguém pereça, mas que todos venham ao arrependimento; nas promessas de Deus, que todas as nações sejam benditas por meio da semente de Abraão e venham a ser a herança do Messias; no Cristo de Deus, agora exaltado com autoridade universal, para receber aclamação universal; no Espírito de Deus, que convence do pecado, dá testemunho de Cristo e impele a Igreja a evangelizar; na Igreja de Deus, que é uma comunidade missionária multinacional, com ordens de evangelizar até que Cristo volte. A dimensão global da missão cristã é irresistível. O cristão individual e as igrejas locais que não se comprometem com a evangelização do mundo estão contradizendo, por cegueira ou por desobediência, uma parte essencial de sua identidade, a qual provém de Deus. O mandato bíblico para a evangelização do mundo não pode ser ignorado.

John R. W. Stott, “A Bíblia na evangelização do Mundo”, in: Kevin D. Bradford; Ralph D. Winter, Steven C. Hawthorne, eds., *Perspectivas no movimento cristão mundial* (São Paulo: Vida Nova, 2009), p. 20.

O contexto para entender a missão de Deus é o nosso mundo. Uma vez que ele está trabalhando no universo inteiro e se revela por meio de todas as coisas criadas (cf. Sl 19; Rm 1), fica claro que Deus tem um interesse especial pela humanidade. Diferentemente dos animais, os seres humanos

foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26). Nossa importância para o Criador é ressaltada pelo fato de que a Bíblia foi dada para nosso benefício, e Jesus Cristo veio a viver como homem enquanto estava na Terra.

John R. W. Stott, "A Bíblia na evangelização do mundo",
Perspectivas no movimento cristão mundial, cap. 1.

Outro fato inegável sobre a humanidade é que estamos fortemente ligados ao pecado. Exceto por breves passagens no início e no final, o pecado está presente ou pressuposto em todas as páginas das Escrituras. Desde a Queda da humanidade registrada em Gênesis 3, nós não apenas nos envolvemos em atos de comportamento pecaminoso, mas também somos inclinados a pecar por nossa própria natureza, e até mesmo encorajamos a multiplicação do pecado por meio de determinadas estruturas sociais que criamos em todo o mundo. Por todas essas razões, a missão de Deus não é meramente um assunto fascinante para contemplarmos, mas uma questão urgente para os pecadores rebeldes. A Bíblia deixa claro que não somos apenas apanhados pelo pecado; somos também incapazes de nos desvencilhar dele por nossos esforços — precisamos de um Salvador.

A MISSÃO DE DEUS

Existe uma tendência por parte de muitos cristãos para definir a missão de Deus principalmente em termos de sua resposta às nossas necessidades. Essa é uma abordagem útil no sentido de que nos lembra de sermos práticos, mantendo especialmente como centrais a mensagem de salvação e as demonstrações práticas do amor de Deus. Nesse sentido, a missão de Deus talvez seja diferente de muitos outros tópicos teológicos. Não é suficiente apenas acreditar no que é verdadeiro; missão implica claramente ação. Por exemplo, o objetivo dessa perspectiva não é simplesmente entender o destino dos perdidos, mas sobretudo tornar-se mais bem equipado para salvá-los desse destino.

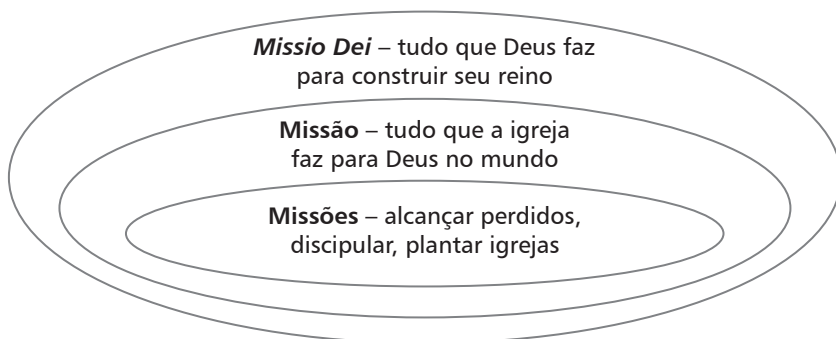
No entanto, outra abordagem que nos ajuda a compreender a missão cristã é visualizá-la a partir da perspectiva de Deus, que pode ser entendida como um ponto de vista mais amplo, uma vez que nossa salvação foi concebida antes que a humanidade ou o próprio mundo existissem (cf. Ef 1.4; 3.11). A salvação oferecida por meio de Jesus Cristo não é apenas uma resposta à situação da humanidade, mas também o cumprimento de um plano posto em prática muito antes do nascimento de Jesus.

Essa abordagem é especialmente útil por fornecer uma base para entender o Antigo Testamento. Se a salvação vem por meio de Jesus, pode-se perguntar: E os judeus que viveram nos séculos anteriores? Ou, por falar nisso, qual era a situação da humanidade antes que o povo judeu fosse formado? Ou, retrocedendo ainda mais, qual era o plano de Deus para a humanidade antes da Queda? E qual é o seu plano para o futuro, quando estaremos em sua presença? A salvação será então um fato consumado para os crentes; e o que vem depois?

Missio Dei é uma expressão em latim (traduzida por “missão de Deus”) comumente usada para descrever o plano de Deus para o universo a partir de sua própria perspectiva. Inclui a parte do plano que mais diretamente diz respeito à igreja, mas engloba muito mais que isso. Por exemplo, como já foi observado, a Bíblia nos diz que Deus concede para toda a humanidade um testemunho sobre seu caráter por meio da revelação geral. Em outras palavras, ele já está trabalhando antes que o evangelista apareça!

Seríamos presunçosos em pensar que Deus trabalha exclusivamente por meio de homens e mulheres. Ele não é nosso servo, nem depende de nós de maneira alguma. Assim como realiza coisas além de nossa compreensão (Ef 3.20), Deus opera no universo independentemente do homem (cf. Sl 90.1,2). Da mesma forma, ele trabalha no coração dos homens antes mesmo de o evangelho lhes ser pregado, permitindo que experimentem os efeitos da vida vivida à parte de seu desígnio (Rm 1.24,26,28), bem como incomodando sua consciência o suficiente para ficarem perturbados (cf. Rm 2.1,14,15).

O seguinte diagrama retrata o relacionamento entre a *Missio Dei*, a missão da igreja e a missão global:¹



¹Diagrama adaptado de A. Scott Moreau, Gary R. Corwin, Gary B. McGee, *Introducing world missions: a biblical, historical, and practical survey*, 2. ed. (Grand Rapids: Baker Academic, 2015), p. 73.

- **Missio Dei**, a maior esfera, refere-se a tudo o que Deus está realizando no universo, incluindo coisas fora do nosso mundo. Abrange tanto o reino visível como o mundo invisível dos anjos, principados etc. A amplitude do tempo também é maior, estendendo-se para antes e depois do período em que a humanidade existe na Terra.

Fundamentalmente, remete ao fato de que Deus é ativo. A missão de Deus é uma expressão lógica de seu caráter santo, amoroso, todo-poderoso e eterno. Ao contrário do pensamento do deísta, Deus não acabou de criar o mundo e simplesmente se afastou até que ele por fim desmoronasse. Ele está constantemente trabalhando, buscando a plena implementação (consumação) de sua missão (cf. Ef 1.10; Cl 1.20).

- **“Missão”** refere-se à parte do plano de Deus que foi delegada à igreja de Jesus Cristo. O reino, neste caso, é principalmente o mundo físico, mas os servos de Deus têm o maravilhoso privilégio de lhe pedir, por meio da oração, que alinhe os seres e as forças do mundo invisível para promover o trabalho que eles executam, isto é, o trabalho *de Deus*. A amplitude do tempo é aquela fatia da eternidade em que a humanidade habita este mundo, incluindo a obra de Deus por meio de Israel e da igreja, bem como os servos que ele chamou antes da formação de Israel e até aqueles que o servirão na Terra depois da volta de Cristo. Para os cristãos, nossa “missão”, além de promover o conhecimento de Deus no mundo, inclui o cumprimento de todos os mandamentos de Deus, a vida reta e santa, em comunhão com outros crentes, estudando a Palavra de Deus e adorando o Pai.
- **“Missões”**, entre as demais esferas, é mais bem entendida como um subconjunto essencial da “missão” da igreja. Refere-se aos esforços dos cristãos para dar um testemunho positivo, centrado no evangelho, àqueles que estão fora do corpo de Cristo. Historicamente, o termo foi reservado às ações concretas dos crentes para alcançar aqueles que estão a uma distância geográfica ou cultural das igrejas locais estabelecidas.

Uma grande variedade de ações pode ser incluída nesse esforço, mas a proclamação da boa-nova sobre a morte e a res-

surreição de Jesus Cristo deve ser nosso principal objetivo. O estabelecimento de igrejas autossustentadas e reprodutivas também é considerado um objetivo necessário, tanto para mostrar plenamente

“Evangelismo é uma igreja crescendo onde está. Missões é uma igreja crescendo onde não está.”
— Ralph Winter